

## PRÁTICAS EDUCATIVAS E PEDAGÓGICAS COM BEBÊS: MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES NO COTIDIANO DE CRECHES

### EDUCATIONAL AND PEDAGOGICAL PRACTICES WITH BABIES: MULTIPLE POSSIBILITIES IN THE DAILY DAYCARE

Aline da Silva Schmitt

UDESC

alinesilvaschmitt@hotmail.com

Altino José Martins Filho

UDESC

altinojosemartins@gmail.com

**RESUMO:** A inserção dos bebês em contextos de Educação Infantil vem se ampliando cada vez mais na atualidade, isto devido ao fato da entrada e permanência das mulheres no mercado de trabalho. No contexto das creches percebemos que os familiares e professores/as criam muitas expectativas em relação a aprendizagem das crianças, especialmente em relação a dimensão cognitiva, a qual passa a ser desenvolvida por atividades palpáveis em folha A4. Estamos nos referindo as atividades escolarizantes e padronizadas, que são realizadas de maneira homogêneas com foco em um único resultado para todos. Utilizando autores como Barbosa (2010), Horn (2015), Tristão (2015), Martins Filho (2013; 2015; 2016), Ostetto (2015), entre outros estudiosos da primeira infância, buscamos problematizar e conceitualizar como proporcionar propostas significativas que tomem as especificidades educativas e pedagógicas para os bebês e com os bebês. Pensar uma prática docente que respeitem os bebês em suas especificidades geracionais é compreender que eles aprendem, desenvolvem e se socializam por meio das brincadeiras e interações com os mais variados matérias, tempos e espaços. Para isso, o olhar atento e sensível, a escuta para suas linguagens, o acolhimento e as intencionalidades são essenciais na organização da vida cotidiana nos contextos de creches.

**PALAVRAS-CHAVE:** bebês; vida cotidiana; propostas educativas e pedagógicas; creches.

**ABSTRACT:** *ABSTRACT: The insertion of infants in contexts of Childhood Education has been increasing more and more in the present time, due to the fact of the entry and permanence of the women in the labor market. In the context of day-care centers, we perceive that family members and teachers look forward very much to the children's learning, especially in relation to the cognitive dimension being developed by A4 sheet activities. We are referring to the schooling and standardized activities, which are performed in a homogeneous way with a focus on a single result for all children. Using authors like Barbosa (2010), Horn (2015), Tristão (2015), Martins Filho (2013, 2015, 2016), Ostetto (2015) among others early childhood scholars, we try to problematize and conceptualize how to provide meaningful proposals that take into account the pedagogical and educational specificities for infants and babies. To think of a teaching practice that respects the babies in their generational specificities is to understand that they learn, develop and socialize through play and interactions with the most varied subjects, times and spaces. For this, the attentive and sensitive look, the listening for their languages, the reception and the intentionalities are essential in the organization of daily life in the context of daycare centers.*

**KEYWORDS:** babies; daily life; educational and pedagogical proposals; daycare.

### Premissas Iniciais: Práticas Pedagógicas Construídas com Bebês e para Bebês em Contexto de Creches<sup>1</sup>

O acesso aos contextos de Educação Infantil no Brasil é um direito das crianças de zero a cinco anos e onze meses, assegurado pela Constituição Federal de 1988 afirmado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB de 1996 e posteriormente garantido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil – DCNEI de 2010. No entanto as práticas pedagógicas para bebês e com bebês<sup>2</sup> nas creches encontram-se em processo de construção e consolidação (MARTINS FILHO, 2015, 2016). Percebe-se que ainda temos a cultura de que os bebês devem permanecer com sua família, em especial sua mãe, pois são pequenos e necessitam de cuidados específicos no âmbito privado. Todavia, devido as mudanças no cenário político, social e econômico do nosso país, é cada

1 Neste artigo temos como inspiração a obra: MARTINS FILHO, Altino José (Org.). **Educar na Creche: Uma Prática Construída com os Bebês e para os Bebês**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2016.

2 Compreendem-se bebês crianças de 0 a 18 meses, conforme o documento “Práticas Cotidianas na Educação Infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares” (BRASIL, 2009).

vez mais comum a inserção das mulheres no mercado de trabalho, optando pelas instituições de educação infantil como lugar para deixar seus filhos. Neste sentido, torna-se primordial pensarmos os espaços, tempos e materialidades para o acolhimento dos bebês.

Há uma necessidade de pensarmos as especificidades que enlaçam as práticas educativas e pedagógicas. Temos ainda que compreender os bebês como sujeitos potentes, como sujeitos heterogêneos, que utilizam a linguagem não verbal como forma de expressão de suas emoções, sentimentos e comunicação. O trabalho pedagógico com os bebês e para os bebês, deve possibilitar o agir docente revestido de intencionalidades educativas, permitindo a experimentação, a descoberta, a autonomia, a interação e a brincadeira dos e entre os bebês.

As possibilidades de pensar as práticas pedagógicas para os bebês e com os bebês são inúmeras, entretanto existem muitos desafios no cotidiano educativo que acabam fazendo os professores e professoras, entrarem em rotinas rotineiras, no qual muitas vezes deixam subsumido em seu pensar e fazer pedagógicos a dimensão do extraordinário e do insólito. Por exemplo, a preocupação excessiva e equivocada dos pais por resultados imediatos em relação ao desenvolvimento e a aprendizagem, a vida cotidiana engessada em atos mecânicos e automáticos, muitas vezes não respeitam o ritmo próprio dos bebês. Citamos, também, as cobranças da gestão administrativa em homenagens correspondentes as datas comemorativas ou pedido de acúmulos de atividades estereotipadas com produções dos bebês. Neste sentido, concordamos com Tristão (2015), quando assevera:

No imaginário das profissionais da educação e mesmo no senso comum, há a noção de que deve haver a produção de algo para estar caracterizado um processo educativo, bem de acordo com a noção da sociedade capitalista em que vivemos que valoriza os resultados como lógica estruturante da vida dos bebês em creches. (TRISTÃO, 2015, p.146).

Essa compreensão sobre a aprendizagem dos bebês e a docência em creches, também está presente no imaginário das famílias, comumente ouvimos expressões de que “a professora de bebês não faz nada”, apenas cuida, alimenta e troca os bebês. Sendo assim, em uma concepção equivocada e distorcida do que seja o cuidado e educação, entendidos aqui como ação de um mesmo ato, leva as professoras à realizarem atividades palpáveis ou produção estereotipadas em folhas A4, pois na mentalidade das mesmas, a força das atividades dá visibilidade ao trabalho pedagógico.

Há uma necessidade explícita por um produto final, o qual é retratado e visualizado nas atividades, mesmo as mais escolarizantes, como carimbar as mãos e pés dos bebês. Essa visão do que seja a atividade pedagógica, ainda é muito presente propostas educativas desenvolvidas para os bebês.

Diante dessa reflexão, ainda existem grandes equívocos sobre a prática da docência com os bebês. Pairem incertezas sobre os atos de cuidados como aliados aos atos pedagógicos, como ação indissociáveis e complementares no percurso cotidiano da prática educativa. Vargas (2016) aponta que:

[...] as professoras demonstram bastante resistência a abandonar suas certezas. Sentem “medo” de fazer coisas que não dominam e buscam justificativas que sustentam seu fazer já consolidado. Elas demonstram saber pouco sobre os bebês [...] e se apegam a esse parco saber, advindo muitas vezes do senso comum, para organizar as práticas educativas com os bebês. (VARGAS, 2016, p.100).

Com base na análise da autora supracitada, trazemos os seguintes questionamentos: Como realizar uma prática pedagógica que respeite os bebês como sujeitos? Como pensar no tempo e no espaço da creche para além de “ensinar coisas o tempo todo para os bebês? Como orientar pais e professores/as da importância do processo de experimentação e experiência dos bebês entre eles? Neste artigo, não pretendemos dar uma resposta para questões de tamanha complexidade, mas pretendemos trazer alguns subsídios para ampliar as reflexões em torno dessas problematizações

que rondam a prática docente na Educação de bebês em creches.

### **A Entrada dos Bebês na Creche: Relato de Algumas Expectativas Equivocadas das Famílias e das Professoras/as**

Os questionamentos reunidos neste artigo, são provenientes do acompanhamento da inserção e permanência de um bebê de nove meses em uma creche. Foi possível presenciar a insistência e a cobrança da família e de algumas professoras, no sentido da preocupação constante em realizar “atividades” em folha A4 para os bebês. Na sequência trazemos dois relatos demonstrativos das expectativas equivocadas em relação a entrada desse bebê no contexto diário da creche. Segundo os familiares, pai e mãe, era constante ouvir: “As professoras não fazem nada com os bebês?”; “Aqui os bebês não pintam as mãozinhas para carimbar?”; “Os bebês não farão apresentação para o dia das mães?”. (Diário Pessoal dos Pesquisadores, 2017). De maneira mais incisiva a mãe comentada com a professora: “Eu já estou ensinando as letras e os números para Paula, menina de um ano, lá em casa ela pinta os livrinhos que compro, parece que aqui na creche as professoras são muito fraquinhas para ensinar”. (Diário Pessoal dos Pesquisadores, 2017).

A Educação Infantil ainda é vista e comparada com visões pedagógicas e educativas escolarizantes, que copiam os modelos escolares e colocam as crianças em atividades que as conduzem em um processo de ensino canônico e convencional, inclusive para os bem pequenos, os bebês. Contrários a tais práticas e exigências, temos defendido que as aprendizagens dos bebês estão mais ligadas ao andar, dançar, falar, equilibrar, pular, se expressar, a construir a autonomia, a criar outros laços afetivos, a se comunicarem entre si, pois consideramos que essas são aprendizagens que seriam significativas para os bebês.

Nesta perspectiva escolarizante, que transforma os bebês em alunos e as experiências em atividades estereotipadas, verificamos no primeiro mês da entrada de um grupo de bebês em uma creche pública municipal, onde foi proposto por duas professoras diversas atividades, as quais foram organizadas em uma pasta no qual estava nomeada por “Minhas Vivências”. Ao analisar o conjunto de atividades, percebemos que há uma parcela do trabalho bem significativa realizada pelos adultos, especialmente na produção dos retoques finais em tais atividades, tornando muitas vezes a produção sem sentido e significado para a criança ou deixando subsumida a criação das crianças.

Temos ainda muito a construir uma prática pedagógica que tome as crianças em suas potencialidades, apostando no alto grau do protagonismo infantil. Pois o prolongamento das experiências vivenciadas pelas crianças se estabelece atravessado pelo tempo, um tempo mais flexível e sintonizado aos desejos e necessidades delas, aspecto no qual precisa romper com a lógica de um tempo adultocêntrico. Precisa sincronizar com o tempo da infância, visando condições suficientes para os bebês viverem suas infâncias, marcadas por interações e brincadeiras. A observação à brincadeira é caminho profícuo para a apreensão do que estão revelando as crianças, desde que são bebês. Ou seja, observar a apropriação e produção do sistema simbólico nas crianças quando ainda são muito pequenas, possibilita perceber como gradualmente as crianças vão complexificando seus processos brincantes e constituindo caminhos para cada vez mais revelar na relação entre o real e o simbólico o que desejam manifestar (SAVIO, 2011, p. 22).

Martins Filho (2013; 2015) em seus diversos escritos traz a consideração do quanto percebe em pesquisas realizadas em creches que as professoras ao quererem ensinar autonomia em uma lógica que nada tem de autônoma, acabam colocando em pauta comandos que exacerbadamente levam ao cerceamento das crianças, é muito comum ver esquemas de controle do tipo: brinquem disso, brinquem daquilo, comam tudo, isso, não conversem, não corram, não façam barulho, não façam bagunça, desenhem assim, usam as cores claras, não vai para o parque, agora fique sentado aqui e pronto, na hora do almoço não pode conversar, deu chega de falar. Tal destaque nos convida a pensar em nossas próprias experiências enquanto crianças, e no caso dos/as professores/as, nas situações pensadas e realizadas como sendo substratos da força da atividade pedagógica em relação as próprias experiências das crianças.

Diante desse processo, encontro no trabalho de Martins Filho (2013) outro excerto que nos ajuda a pensar em propostas que percebam as crianças. Novamente o trecho ressalta as colocações de uma professora, através de narrativas escritas, ao falar sobre o seu papel e envolvimento nas brincadeiras das crianças, onde esta enfatiza que:

Como é que eu vou perceber e compreender as formas particulares destas crianças agirem, reagirem e muitas vezes até de sobreviverem a este mundo pensado por adultos e para adultos se eu não estiver aberta, sensível e disponível para esta relação? Como é que eu vou entender a lógica da ação das crianças, suas formas de organização, o que as interessam, do que falam, o que pensam, o que sentem, o que vivem sem ser companheira em suas brincadeiras? Estar misturada às crianças, ser companheira de suas brincadeiras não quer dizer estar no controle, determinando regras, isto ou aquilo. Muito pelo contrário. Só consegue este movimento quem realmente está disposto a romper com hierarquias (MARTINS FILHO, 2013, p. 273).

Para tanto, o que essa proposta de reflexão indica, é a necessidade emergente de considerar a criança em suas especificidades. Especialmente em relação à docência em seu exercício sendo valorizada em seus percursos cotidiano, como os momentos de troca, de compartilhamento de saberes, de convivência no fazer “com” as crianças, de abertura para as interações, produções, manipulações, criações, transgressões e autoria no contexto da creche.

### **Reverendo Concepções, Criando Novos Olhares, Construindo Outras Possibilidades para a Prática Pedagógica com os Bebês e para os Bebês**

No decorrer do tempo a criança era vista como ser sem conhecimento, sendo tratada e educada para um dia se tornar alguém, ou ter um ofício na vida, vir a se! Os bebês não tinham lugar na sociedade, eram tratados como um adulto em miniatura, sendo incorporados as rotinas das instituições sem serem considerados sujeitos das mesmas:

Durante vários séculos, os bebês e as crianças bem pequenas tiveram a sua presença social e cultural apagada por concepções que os colocavam numa posição de incompetência, subordinação, subalternidade e apenas de preparação para a vida adulta. (DELGADO & MARTINS FILHO, 2013, p. 24).

Na atualidade encontramos ainda a concepção de que os bebês não possuem potência e condições autônomas para indicar o que querem porque precisam saber. “Os bebês estão muitas vezes submetidos a práticas educativas de estimulação para que adquiram o que lhe falta, o que não tem.” (VARGAS, 2016, p.100). Esta visão de bebês como sujeitos sem saberes e competências, faz com que se reproduzam as propostas pedagógicas de atividades individualizadas, cansativas, sem movimento, que limitam e impedem o criar e imaginar. Situações que não promovem as interações e trocas de experiências entre os próprios bebês.

Barbosa (2010) apresenta uma nova visão de bebê em que nos chama atenção para as suas potencialidades peculiares:

Os bebês possuem um corpo onde afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados e é a forma particular como estes elementos se articulam que vão definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história. Cada bebê possui um ritmo pessoal, uma forma de ser e de se comunicar. (BARBOSA, 2010, p. 2).

O olhar, a escuta atenta, a disposição e o entendimento de que os bebês são possuidores e produtores de saberes, que estão inseridos em um meio social e cultural e que assim, produzem em movimentos coletivos suas próprias culturas infantis e formas de expressões, permite criar uma nova concepção de bebês. O diálogo com os mesmos, falar o que vai acontecer, perguntar se eles aceitam a proposta planejada, são pequenas ações que demonstram o quanto os/as professores/as reconhecem os bebês e os respeitam como sujeitos sociais com direito a exercer a cidadania e participar ativamente dos contextos nos quais estão inseridos.

Segundo Tristão “[...] a concepção de infância e de criança que as professoras constroem determina suas práticas.” (TRISTÃO, 2015, p.116). Este conceito é construído e determinado no entrelaçamento do seu cotidiano pedagógico e seu conhecimento sobre as concepções que lhe foram apresentadas em sua formação.

Assim, há diferenças profundas entre as ações de uma professora que concebe a criança como um ser incompleto, daquelas de uma professora que sinceramente acredita nas potencialidades dos seus educandos, na sua alteridade. (TRISTÃO, 2015, p. 117).

Acreditar que os bebês não são homogêneos e estáticos mostra que a aprendizagem ocorre em constante movimento, é contraste e relacional, sendo algo gerado de forma gradual e ao seu tempo. Tempo de andar, falar, engatinhar, expressar, compreender a si, o mundo e seu semelhante. Assim, a concepção de criança que o profissional se pauta para construções das propostas pedagógicas poderá contribuir ou não para a criação de novas aprendizagens.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI/2010) apresentam a concepção de crianças como sujeitos de direitos:

[...] que nas suas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p.12)

A visão apresentada no Documento mencionado, permite compreender que por meio das interações as crianças vão ampliando, construindo e reinventando seus saberes e sua cultura infantil. É pela interação que os bebês vão criando sua noção de mundo e se percebendo como sujeito ativo e transformador desse mundo.

Vargas (2016) assevera que, “Para que haja aprendizagem nesse encontro do bebê com o mundo, temos que pensar os tempos e espaços da creche como adequados a proporcionar as relações entre adulto e bebê, bebê e bebê, bebê e materiais.” (VARGAS, 2016, p. 104). Os espaços e tempos devem transmitir segurança e confiança, acolher e respeitar os bebês em suas idiosincrasias. Devem levar em conta as especificidades e heterogeneidade de cada criança, lembrando que cada uma tem seu próprio tempo de aprendizagem e desenvolvimento, não sendo significativa a utilização “atividades homogêneas” e “padronizadas”, que caracterizam as crianças como iguais, com mesmas preferências, formas de se expressar, de ver e compreender o mundo a sua volta. Romper com tais práticas é o desafio!

Assim, nas palavras de Tristão (2015, p.111), “A Educação Infantil tem um significado particularmente importante quando se fundamenta numa concepção de infância cidadã, vendo a criança como pessoa em processo de desenvolvimento, como sujeito ativo na construção do seu conhecimento.”. Quando falamos de crianças, em especial os bebês, devemos ter em mente que a aprendizagem está ligada ao movimento, a se perceber no espaço, a socializar, a descobrir os materiais, a se reconhecer como sujeito social, a interagir, a ter autonomia, dar os primeiros passos, as primeiras palavras, a identificar seus pares e seus professores, a expor seus sentimentos, mostrar frustrações e alegrias, saber ouvir e ser ouvido.

As práticas pedagógicas coerentes com a concepção de criança possuidora de saberes devem proporcionar à elas pelas interações e brincadeiras, experiências com diferentes materiais, formas, cores, aromas e texturas. Tocar, encaixar, ouvir, jogar, brincar, socializar, entender seus sentimentos,



isto sim torna o professor e a instituição de educação infantil, como mediadores dos conhecimentos. “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular de educação infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira e garantir experiências [...]”. (BRASIL, 2010, p.25).

Entender a criança como ser social é o primeiro passo para uma prática significativa para os bebês e com os bebês. Desta forma, planejar o acolhimento e as rotinas dos bebês na creche se torna essencial para garantir o respeito aos mesmos. (MARTINS FILHO, 2016).

Desse modo, essa perspectiva de querer criar outras possibilidades para construir uma prática pedagógica que considere o ponto de vista das crianças, pode ainda contribuir para se “compreender o cotidiano para além da obviedade, da arbitrariedade e da obscuridade que o esvazia de sua complexidade, quando o necessário seria viabilizar a afirmação da sua singularidade no entretecer de sua diversidade educacional e pedagógica”. (MARTINS FILHO, 2013, p. 46).

Em relação aos adultos, implica em agir como uma pessoa-profissional que coloca andaimes e abre avenidas para alimentar o ser das crianças com coisas boas, isso alude à mudança de pensamento e concepção teórica e prática (MARTINS FILHO, 2013; 2015). Ou seja, a prática da docência como estratégia balizadora para a discussão com o/s outro/s (bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas, professores, coordenação pedagógica, gestores e famílias) em uma lógica de compartilhamentos e confrontos sobre os objetivos comuns para as experiências plenas das crianças e suas infâncias.

## **Em Foco o Cotidiano da Creche: Qual Especificidade Educativa e Pedagógica?**

O cotidiano na e da creche é sempre repleto de acontecimentos, momentos, atividades, experiências, interações, rotinas, descobertas, brincadeiras e aprendizagens. Há diferentes dinâmicas e diversas formas de viver a vida no percurso da cotidianidade. Acreditamos que a ampliação do repertório cultural, intelectual e humano dos professores possibilita que suas práticas se aproximem cada vez mais das demandas sociais que vão se apresentando ao longo de sua profissão e permitem que a reflexão crítica se instale em suas práticas cotidianas.

Entendemos que aspectos concernentes à especificidade do trabalho pedagógico na Educação Infantil ainda estão em processo de construção e elaboração (MARTINS FILHO, 2015). O trabalho com os bebês e para os bebês requer que o/a professor/a aguçe seu olhar com a intenção de conhecer cada um deles, criando um espaço favorável para as interações, planejando experiências que contribuirão para as trocas e ampliação de múltiplas possibilidades aos processos de aprendizagem, desenvolvimento e socialização. Nesta seção iremos reunir brevemente três aspectos que para nós são representativos dessas múltiplas possibilidades: conhecer e acolher; o espaço como educador e a transformação das rotinas em vida cotidiana.

### **a) Conhecer e Acolher**

Os bebês estão em processo de expressão de suas múltiplas linguagens, utilizam outras formas de expressões verbais e não verbais, tais como: o choro, o balbucio, a agitação, gritos, gargalhadas, entre outros. Vargas (2016, p. 99) reflete que: “Para muitos adultos, pelo fato de ainda não fazerem uso da linguagem oral, bebês são considerados difíceis de entender e, conseqüentemente, de conhecer”. Sabemos que cada bebê possui sua característica e que está ligada as interações que este teve durante sua vida. Como vivemos em um mundo de culturas e formas de pensar e agir diferenciados, encontramos em salas de referências bebês que carregam consigo diferentes e diversificadas culturas:

Cada família tem um modo de alimentar, embalar, acariciar, brincar, tranquilizar ou higienizar as crianças. E estas ações podem ser realizadas de diversas formas, afinal as diferentes culturas inventaram múltiplos modos de criar suas crianças pequenas. E cada família tem um modo específico para compreender o choro de uma criança, suas necessidades de alimentação e de brincadeira e fazer suas escolhas tendo em vista as tradições familiares ou concepções aprendidas com diferentes interlocutores. (BARBOSA, 2010 p.4).

O professor primeiramente deve buscar conhecer suas crianças, seus meios de comunicação e expressão de desejos e sentimentos, construindo uma relação de afeto e segurança para que o bebê se sinta acolhido neste ambiente. “Para poder compreender e comunicar-se com um bebê pequeno é preciso observar.” (BARBOSA, 2010, p.10). Treinar o olhar, observar os bebês, registrar, fotografar, filmar, realizar entrevista com a família, buscar elementos que possam contribuir para compreender as crianças em suas formas plurais e heterogêneas, buscando acolher de forma afetuosa e respeitosa cada uma delas.

A importância de um ambiente acolhedor é a premissa essencial para o bebê construir o seu sentido de pertencimento a um grupo. Acolher envolve abraçar, pegar no colo, acalantar, ouvir e ver as crianças permitir que se criem relações entre os bebês, espaço e materiais:

Outro aspecto relevante a ser considerado na educação dos bebês diz respeito à construção da segurança afetiva que se inicia com o entendimento de que cada bebê um ser único, singular, cujo desenvolvimento depende da qualidade das relações que estabelece com os adultos, com os bebês e mesmo com materiais e objetos de seu entorno. Reitero, o respeito ao bebê é fundamental. Deve-se encará-lo como uma pessoa com características, necessidades e expectativas próprias. (VARGAS, 2016, p.103).

Nesta esteira, também consideramos importante o que Kramer (2012) vem alertando em suas pesquisas com crianças:

[...] o papel do outro é central na constituição do eu no desenvolvimento e aprendizagem do sujeito ao longo da vida. Processos manifestos na infância constroem realidades históricas que se traduzem na subjetividade de cada um. (KRAMER, 2012, p. 40).

Acolher não se remete apenas ao início do ano quando as crianças são inseridas no contexto das creches. Vai muito além disso, o acolhimento é aquele que é pensado e planejado todos os dias, é receber as crianças com sorriso, é falar bom dia, é dialogar com os pais sobre as inseguranças e frustrações, é receber o bebê e conversar com ele, perguntar se ele está bem, acomodá-lo confortavelmente. É o pensar em receber com uma música calma, com a leitura de uma bela história, com brinquedos, com tecidos coloridos, com cantigas, levar ao ambiente externo com almofadas, uma rede, um violão, etc.. Para tudo isso acontecer há o planejamento e a intencionalidade de fazer do espaço um lugar acolhedor e de vida cotidiana.

## **b) O Espaço como Educador**

É comum ainda encontramos grupos de bebês em creches onde permanecem em berços ou bebês confortos, saindo apenas para a troca de fraldas e alimentação, minimizando as interações e desprezando a necessidade de movimento, vimos muitas vezes os bebês cerceados e enraizados não podendo se mover com liberdade. Entender que os espaços internos e externos da sala de referência proporcionam aprendizagens e contribuem para a socialização dos bebês, é compreender que os mesmos devem ser pensados, preparados e planejados de maneira que favoreçam as trocas de saberes e segurança aos mesmos.

É indispensável oferecer oportunidade aos bebês de:

-explorarem ativamente os espaços onde se inserem por meio de todos os sentidos:

-descobrirem características e relações entre os objetos e materiais por meio de experiências diretas:

-manipularem, transformarem e combinarem materiais variados:

[..] utilizarem o corpo com propriedade:

- interagirem com outras crianças:
- tornarem-se gradativamente autônomos na resolução de suas necessidades. (HORN, 2015, p. 109).

O bebê deve explorar seu corpo, conhecer a si e ao seu redor, ampliando sua capacidade motora, construindo aos poucos sua autonomia. A organização dos espaços deve permitir o movimento corporal, correr, engatinhar, pular, rolar, soltar, pegar, abaixar, encostar, jogar, explorar objetos, permitir que se explore o espaço com todos os sentidos. Sentir o calor que vem do sol, a brisa que bate no rosto levemente, o movimento que a sombra do objeto realiza ao longo do dia, perceber diferentes luminosidades ao entrar e sair do ambiente, reconhecer e interagir com as outras crianças, maiores, menores, meninos e meninas...

Disponibilizar objetos atrativos aos bebês como chocalhos, bolas, potes de tamanhos variados, livros de pano ou de banho para sentir a forma, levar a boca, sentir o cheiro, descobrir a cor, colocar músicas calmas, pendurar objetos com elástico ao teto, colocar fotos dos próprios bebês nas paredes e chão da sala, colocar móveis, pendurar um sino de vento, por exemplo, para que eles possam descobrir de onde vem o som, confeccionar um tapete sensorial para descobrirem as diferentes sensações. Colocar em saquinhos de pano essências naturais como café, camomila, hortelã, canela, alecrim para aguçar os sentidos, permitindo que se leve ao nariz e boca.

Ao organizar a sala para os bebês pequenos, é importante arranjar pequenos espaços, confortáveis, com espelho, tapetes, rolinhos, almofadas, que possam auxiliar na sustentação das crianças e favorecer seus movimentos. Tal espaço é organizado para que as crianças interajam com outras crianças, brinquem com os objetos e brinquedos podendo, assim, vivenciar diferentes experiências. (BARBOSA, 2010, p. 8).

Organizar cantos com diferentes materiais, estruturados e não estruturados onde os bebês possam brincar e interagir, trazendo elementos da cultura afro e indígena, ampliando o acesso às histórias e culturas diversificadas. O interessante é organizar cantos, caixas, cestos onde se possam guardar os materiais e que os mesmos estejam acessíveis aos bebês.

Promover o encontro dos bebês com o mundo externo ao da sala, abre um leque de múltiplas possibilidades sobre o meio social, cultural e sobre a natureza. Além disso, também com Kramer reforçamos a noção de que “a brincadeira (experiência de cultura e forma privilegiada de expressão infantil) é direito das crianças e deve ser garantido por instituições e adultos que nelas trabalham”. (KRAMER, 2012, p.41).

### **c) Transformar as Rotinas em Vida Cotidiana**

A rotina compreendida como uma sequência de atividades diárias a ser seguida, deve ser flexível para poder contemplar o direito da criança a ter seu próprio tempo. Caroni (2015, p.176) aponta que a rotina com bebês “[...] não é rígida e estanque ela é maleável, flexível, respeitando a singularidade e o ritmo de cada bebê [...]”. As rotinas aqui descritas e que afirmamos a necessidade de transformá-la em vida cotidiana (MARTINS FILHO, 2013) para nós precisam ser revistas em sua rigidez e forma de sequencialidade fechada e engessada. Estar familiarizado com a vida cotidiana não de forma rotineira permite aos bebês prever o que irá acontecer durante seu tempo na creche, antecipando suas ações, construindo a noção de tempo e autonomia.

As rotinas, ou a jornada diária da sala de bebês, são aquelas experiências que se realizam ao longo do dia. Essa repetição oferece para os bebês certo domínio sobre o mundo em que vive e oferece a eles segurança, isto é, a possibilidade de antecipar aquilo que vai acontecer. (BARBOSA, 2010, p.9)



Uma prática pedagógica realizada com base em rotinas rotineiras aumenta as frustrações das crianças e as levam a realizar as atividades com uma pressa excessiva, sem contemplar, sem admirar, sem poder construir a autonomia, sem ter um verdadeiro significado. Neste sentido, trazemos os questionamentos de Ostetto (2015), por considerá-los pertinentes:

Essencial perguntarmos: como olhamos? Procurando o novo ou voltando-nos exclusivamente para o já conhecido? Profunda ou superficialmente? Com um olhar que, ao se dirigir às crianças, busca apenas o que 'deveriam fazer' (correspondendo a um modelo ideal, padrão), que facilmente localiza a falta? Que não percebem o que fazem e dizem as crianças nos seus gestos, quando choram ou riem? Sem nos darmos conta, é assim que inúmeras vezes olhamos para o cotidiano: através de um olhar paralisado, que se gastou, domesticado por uma prática rotineira, enraizada no hábito, que monotonamente se repete, repete, repete. (OSTETTO, 2015, p. 22).

Todas as ações realizadas com os bebês durante seu tempo de permanência na creche devem ter intencionalidade. Precisam ser planejadas, pensadas e registradas para que se possa buscar alternativas quando algo não sai como esperado e também buscar novas formas de desafiar os bebês na ampliação de suas experiências e potencialidades.

### **Considerações Finais: Práticas Pedagógicas que Envolvem os Bebês**

Como realizar uma prática pedagógica revestida de múltiplas possibilidades e que respeite os bebês em seu tempo e espaço? Como orientar pais e professores da importância do processo de experimentação e não apenas focado no produto final?

O cotidiano na creche oferece um leque de possibilidades, no entanto primeiro deve-se conhecer as crianças, criar laços, construir uma rotina diferenciada e atravessada pela vida cotidiana, observar suas necessidades e desafiar-las com propostas que possam expandir sua visão de mundo.

Desde o início da vida, a atividade de explorar, experimentar e brincar envolvem funções motoras e mentais de relevante importância na constituição da subjetividade [...] Seria importante que as professoras acreditassem que a experimentação e a brincadeira são uma extraordinária ferramenta para a aprendizagem. (VARGAS, 2016, p. 110-111).

As crianças aprendem brincando e os bebês não são diferentes, eles brincam com seu próprio corpo, levam a mão próxima aos olhos, colocam os pés na boca, tocam nas pessoas ao seu redor, sentem curiosidade em mexer nos dedos, cabelos, olhos e boca. Os bebês identificam as texturas, o calor e o sabor das partes do corpo. "O bebê começa brincando com os próprios sentidos, num crescente jogo de descoberta, desenvolvimento de habilidades e construções de significados" (ORTIZ, CARVLHO, 2012, p 103). Os professores devem considerar que os bebês aprendem brincando e interagindo com tudo que está a sua volta, assim poderão criar espaços de vivências ofertando os mais variados materiais que contribuem de forma qualitativa no desenvolvimento dos bebês.

A criança é competente autora de suas aprendizagens. Ela interroga o mundo, e nesse interrogar estão os aspectos que são o suporte para suas aprendizagens. Ao adulto cabe considerar que as experiências do indivíduo com as do outro, pela engrenagem que une umas às outras e pela presença dos sujeitos no mundo. (VARGAS, 2016, p.115)

Vargas (2016) no livro *Educar na Creche*, publicado pela Editora Mediação, traz experiências reais de atividades realizadas com grupos de bebês, como o Cesto dos Tesouros e o que podemos fazer com base nessa metodologia. No Cesto do Tesouro, foram oferecidos objetos da natureza,

“[...] folhas secas, esponjas com texturas naturais, cascas de frutas, madeira, pedaços de tronco de árvore, pinhas [...]” (Vargas, 2016, p.109). Em outra atividade proposta, as professoras deixam a alcance das crianças latas dos mais variados tamanhos, aguçando a curiosidade, promovendo o movimento, abrindo caminho para descobertas simples, porém repletas de significado. “[...] Logo vimos um dos meninos, mais velho, tentando colocar uma lata dentro da outra, já que anteriormente ele já tinha descoberto que havia uma abertura grande na lata [...]” (VARGAS, 2016, p. 109).

A autora demonstra que ao possibilitar o contato com os mais variados tipos de materiais, as crianças aguçam a curiosidade, experimentam, aprendem interagindo com o outro e com os objetos, dão novos significados aos objetos, construindo novos saberes.

Qualquer objeto para elas é um brinquedo. [...] É olhando, pegando, levando à boca, chocalhando, batendo, que elas vão descobrir as diferentes facetas do objeto, conhecê-lo em todas as suas nuances, criar uma imagem mental do objeto por meio da ação sobre ele, para aos poucos ir aprendendo para que serve cada um deles. (ORTIZ, CARVLHO, 2012, p. 126).

Ao organizar uma proposta pedagógica para os bebês e com os bebês, devemos enfatizar as múltiplas possibilidades de aprendizagem por meio da brincadeira, experimentação, execução da proposta e participação dos próprios bebês. Não é simplesmente pintando em uma folha A4 com tinta, é necessário experimentar a pinta com a mão, com o corpo, misturando as cores, descobrindo novas cores, passar na folha e perceber que a mesma muda de cor, colocar o dedo, a mão, o pé e ver a mudança das formas. Possibilitar que os bebês entrem em contato com areia, água, terra, trigo, massinha, panelas, tampas de potes, colheres de pau, que inventem outra forma de brincar. As múltiplas possibilidades que estamos acenando e trazendo como desafios para a prática pedagógica é pensar a importância dos bebês interagirem com os objetos, terem tempo e espaço de ser bebê na creche. Tais possibilidades proporcionam um significativo envolvimento dos bebês com as propostas.

## Referências

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em: 31 out. 1990.

BARBOSA, Maria Carmem. As especificidades da ação pedagógica com os bebês Maria Carmem Barbosa In: I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – perspectivas atuais, 2010, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos**. Belo Horizonte: nov, 2010. Disponibilidade em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7154-2-2-artigo-mec-acao-pedagogica-bebes-m-carmem/file>>. Acesso em: 20 jan. 2017

BRASIL, Ministério da Educação. Secretária de educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Secretaria de Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB. 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretária de educação Básica. **Práticas cotidianas na educação infantil - bases para a reflexão sobre as orientações curriculares**. Brasília 2009. Disponibilidade em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat\\_seb\\_praticas\\_cotidianas.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf)> Acesso em: 20 jan. 2017.

CARONI, Cybelli. Conhecendo a rotina da classe de bebê. In: CAIRUGA, R.; CASTRO, M.; & COSTA, M.. (Org.). *Bebês na escola, observação, sensibilidade e experiências essenciais*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2ª Ed. 2015 p. 173-192.

HORN, Maria. O bebê e sua relação com o espaço. In: CAIRUGA, R; CASTRO, M; COSTA, M. (Org.).

**Bebês na escola, observação, sensibilidade e experiências essenciais.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2ª ed. 2015, p 103-120.

KRAMER, Sonia. “Eu não estudei tanto tempo para agora me acostumar a gritar”: as crianças, as professoras e o currículo. In: Marlucy Alves Paraíso; Rita Amélia Vilela; Shirlei Rezende Sales. (Org.). **Desafios contemporâneos sobre currículo e escola básica.** 1.ed. Curitiba: CRV, 2012, p. 39-51.

MARTINS FILHO, Altino José. **Minúcias da vida cotidiana no fazer-fazendo da docência na educação infantil.** Tese (Doutorado em Educação). UFRGS – Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2013.

MARTINS FILHO, Altino José (Org.) **Criança pede respeito:** ação educativa na creche e na pré-escola. 2ª Edição. Porto Alegre: Mediação, 2015.

MARTINS FILHO, Altino José e PRADO, Patricia. (Orgs.) **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância.** São Paulo: Autores Associados, 2011.

MARTINS FILHO, Altino José & DELGADO, Ana Cristina Coll. (orgs.). Dossiê “Bebês e crianças bem pequenas em contextos coletivos de educação”. **Pro-Posições**, SP: Unicamp, v.24, n. 3 (72), p. 21-113, set/dez 2013. Acesso: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v24n3/02>

ORTIZ, Cisele & CARVALHO, Maria. **Interações: ser professora de bebês: cuidar, educar e brincar: uma única ação.** BAROUKH, J (coord.). ALVES, M. (Org.). São Paulo : Blucher, 2012.

OSTETTO, Luciana E.. **Educação infantil:** saberes e fazeres da formação de professores. 3. Ed. Campinas - SP: Papirus Editora, 2015, p. 13-32.

SAVIO, Donatella. **Il gioco e l'identità educativa del nido d'infanzia:** un percorso di valutazione formativa partecipativa nei nidi di Modena. Edizioni Junior srl. 1ª ed. Parma. 2011.

TRISTÃO, Fernanda C.. “Você viu que ele já está ficando de gatinho?” Professoras de creche e desenvolvimento infantil. In: MARTINS FILHO, Altino José (Org.). **Criança pede respeito: Ação educativa na creche e pré- escola.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2ª ed. 2015, p.97-144.

TRISTÃO, Fernanda C.. A sutil complexidade das práticas com os bebês. In: MARTINS FILHO, Altino José (Org.). **Criança pede respeito: Ação educativa na creche e pré- escola.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2ª ed. 2015, p.145-172.

VARGAS, Gardia. A prática educativa em creches: o que fazem os bebês? In: MARTINS FILHO, Altino José (Org.). **Educar na creche: Uma prática construída com os bebês e para os bebês.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2016, p. 99-115.

Recebido em 2 de março de 2017.

Aceito em 6 de novembro de 2017.